

EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: VIVER – MORAR EM ABRIGO

Reijane Salazar **Costa** (Bolsista CNPq) – UFSCAR

Resumo

Este artigo visa apresentar os resultados de pesquisa de mestrado acerca dos processos educativos vivenciados por idosos (as) na relação que eles (as) mantêm entre si e entre as pessoas que frequentam e/ou trabalham numa instituição para idosos na cidade de São Carlos, interior paulista. O trabalho de campo foi realizado entre os meses de Março e Agosto de 2014. Sustentou-se no referencial da Educação Popular, tendo como eixos o diálogo e a convivência. Foram feitas inserções no campo de pesquisa realizando observações participantes, diários de campo e entrevista com uma idosa residente. Foi utilizada análise temática de dados. Os processos educativos emergiram de duas categorias. **1) Viver-Morar**, que se configura como a dimensão do viver, morar numa instituição. **2) Inconformidade - Conformidade**, que apontou que em meio as inconformações de residir em instituição os idosos acabam muitas vezes por se acostumarem com o lugar e com as pessoas, outros não se acostumaram e demonstram sua inconformação por meio de gestos, palavras, ações. Os resultados contribuem para abrir novos caminhos, pensar e repensar a formação humana e auxiliar a refazer uma leitura de nosso mundo e de outros mundos a partir da Educação Popular. Tendo em vista que o ato de ensinar-aprender-ensinar está presente durante toda vida, e esses processos são também exteriores à escola.

Palavras-chave: Processos Educativos. Envelhecimento. Instituição de Longa Permanência para Idosos.

EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: VIVER - MORAR EM ABRIGO

Introdução

Este trabalho é resultado de pesquisa de mestrado acerca de processos educativos desenvolvidos nas relações vivenciadas por idosos numa Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI, localizada na cidade de São Carlos, no interior paulista. Me incitou neste trabalho conhecer como “mulheres e homens em diferentes condições e com compreensões de vida distintas vão se educando” e “construindo jeitos

de ser, viver, conviver umas com as outras, nos ambientes que herdaram e onde atuam, convivem e também naqueles que criam” (SILVA, 2014, p.19). Colocamos em diálogo a área da educação e saúde, trazendo a abordagem do envelhecimento e dos processos educativos vivenciados por idosos (as) institucionalizados. A revisão bibliográfica realizada apontou que o tema do envelhecimento ainda é pouco investigado na área da Educação. A produção de conhecimentos nessa área da Educação pode contribuir com a criação e a recriação de formas de lidar e entender as pessoas idosas. A partir da revisão feita constatou-se que existe uma produção extensa sobre envelhecimento e Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI, mas essas produções estão centradas principalmente na área das ciências da saúde e focando os aspectos de cuidado ao idoso, os cuidados de enfermagem, saúde física e saúde alimentar. Dentre os trabalhos selecionados na área da educação, que foram desenvolvidos na Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”¹, encontrei dois trabalhos, o de Gonçalves (2013) e o de Silva (2008), que versaram questões relacionadas a processos educativos e envelhecimento, os demais trabalhos são frutos de construções de processos educativos, em outros âmbitos e espaços.

E neste sentido, partindo da área da educação, procuramos contribuir para ampliação da compreensão da temática, sendo uma produção que visa agregarem-se as que já foram produzidas até o momento, por que, segundo Oliveira (2003, p.12): “a educação dialógica acontece no trabalho conjunto e no intercâmbio, em que todos aceitam como valiosas as diferentes contribuições de cada um, embora oriundos de diferentes bases” do conhecimento.

Compreendemos que são nas práticas sociais, que “desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas,” que as pessoas aprendem e ensinam umas as outras (OLIVEIRA, et al, 2009, p. 4). Na definição trazida por Cota (2000, p.211), temos que “as práticas sociais se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele.” Nas práticas sociais, interagimos com as pessoas de nosso convívio social, e esta interação se dá na busca pelo conhecimento de nós mesmos e dos outros.

Para Cota (2000, p.211):

¹ Para maiores informações sobre a Linha e Grupo de Pesquisa Sociais e Processos Educativos o endereço: <http://www.processoseducativos.ufscar.br>.

Os conhecimentos são construídos em práticas sociais, das quais participamos, quando se integram às críticas que delas fazemos, orientam nossas ações formando-nos. Esta formação decorre de uma práxis que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem vivemos.

Nas práticas sociais são desencadeados processos educativos e esses processos ocorrem à medida que convivemos e mantemos relações com um objetivo comum com as pessoas, grupos. Para participarmos das práticas, conhecê-las e vivenciá-las é necessário um percurso de convivência, é preciso conviver. E conviver é está envolvido com as pessoas, com a comunidade, com o grupo, é ter certa intimidade; é criar laços de confiança com as pessoas que estão no local onde você mora, trabalha, estuda. Conviver é conhecer sobre o cotidiano, sobre a vida das pessoas que estão a nossa volta. Conviver é participar dos acontecimentos que ocorrem no local de convívio. O convívio requer uma aproximação que não é de um dia, uma hora. Conviver requer estar junto para que se possa conhecer o que de fato acontece com as pessoas. Conviver é um processo de aprendizagem no qual “eu me construo enquanto pessoa no convívio com outras pessoas; e, cada um ao fazê-lo, contribui para construção de um nós em que todos estão implicados” (OLIVEIRA et al, 2009, p.1). A vida se dá, “em um mundo significativo e simbólico, o mundo compreensivo da cultura e da história” (FREIRE, 2011, p.124).

Os homens, [...], ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que compõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separa-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é história (FREIRE, 2011, p.124).

Nos diversos contextos culturais e sociais as pessoas se formam e se constroem enquanto pessoa; identificam-se enquanto membros de um grupo, comunidade. (OLIVEIRA et al., 2009). As práticas estão presentes nas nossas vidas quando estamos nos relacionando, interagindo, convivendo com outras pessoas. O sentido da “existência dos homens se dá no mundo que eles recriam e transformam incessantemente [...] na existência dos homens o aqui não é somente um espaço físico, mas também um espaço histórico” (FREIRE, 2011, p.124).

Todaro (2009) também sinaliza que a aprendizagem é um processo contínuo vivenciado por todas as pessoas durante toda sua trajetória de vida. Ainda mencionando a autora temos que durante toda a vida:

as pessoas não são apenas ensinadas ou alvos da ação condutora da educação proporcionada por outrem, elas também ensinam e conduzem o próprio processo de desenvolvimento mediado por influências externas capazes de provocar nelas uma reflexão cada vez mais crítica. Lembrar esses princípios é reafirmar a fé no progresso dos indivíduos de idades variadas, dos grupos sociais e da sociedade por intermédio da educação (TODARO, 2009, p.25)

Embora Silva (2014, p.21) não faça menção a problemática deste estudo, o lugar que é ocupado pelos velhos (as) em nossa sociedade, a brasileira, utilizo suas palavras para expressar meu entendimento sobre esse lugar: “sei que é cada vez mais frequente o número de pessoas que negam valor ao passado: ‘isso já passou, não vale. A experiência vivida não tem mais interesse algum. O que vale é o agora.’” Aos idosos (as) é negado o valor de seu passado, experiência. Seu conhecimento é ultrapassado, porque seu tempo já passou e faz parte do passado. E por ser passado, não tem mais lugar em nosso futuro, em nossas casas, em nossas famílias. Ainda de acordo com a autora tem-se que:

Quem assim pensa, é como se estivesse sempre começando, num novo nascimento, sem nenhuma experiência anterior, já que avaliam ter perdido valor e interesse no que passou. Tais pessoas, na maior parte das vezes, formulam suas afirmações com agressividade (SILVA, 2014, p.21).

No pensar de Silva (2014), o qual também compartilho, que é apoiado na sabedoria africana, para crescer é necessário voltar o olhar para o que já passou, para trás, não para se restringir ao que já foi, copiar o passado, mas para avançar em direção ao futuro, ao que vem pela frente, a nova jornada. Sendo assim, “é importante lembrar e significar o já vivido” (SILVA, 2014, p.21).

Em estudos, Debert (2006, 2012); Camarano, Pessinato e Lemos (2007); Camarano e Kanso (2010) trazem uma reflexão sobre a visão que é atribuída ao envelhecimento populacional na sociedade brasileira, uma visão de que ser o envelhecer é um problema social.

Quando o envelhecimento é negado, nega-se nossa humanização. A maior longevidade, em se tratando de uma “nova” realidade frente ao envelhecimento populacional deve ser um objeto de reflexão crítica. Reflexão que contribua para que o

ser que é considerado menos possa lutar para *ser mais*; que sua nova realidade não seja motivo para sua desumanização.

Estudar e compreender o envelhecimento são formas de lutar contra a desumanização; é, “indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, a partir dessa dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade - a de sua humanização” (FREIRE, 2011, p.40). Desumanização e humanização encontram-se num constante movimento de busca, porque ambas representam o movimento permanente da inconclusão humana. Para Freire (2011, p.40), “a humanização e a desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto objetivos são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”.

Mas, enquanto possibilidades de transformação da realidade, somente a humanização é “vocação humana”, de *ser mais* (FREIRE, 2011, p.40). No entanto, ela pode ser negada, mas é também em sua negação que é afirmada. Está é negada quando ocorre injustiça, exploração, opressão e violência com os oprimidos. É afirmada na busca de liberdade, de direito, na luta, reivindicação dos que estão em situação de opressão, pela retomada de sua vocação que foi tirada. Verifica-se a negação da humanização, em quem tem sua vocação roubada e também em quem a rouba. Quando se tem a humanização roubada, tem-se uma mudança no sentido da vocação, e esta passa a ser distorcida. A mudança de vocação, a distorção, é possibilidade na história, porém não vocação da humana (FREIRE, 2011). Mediante a problemática do local que é ocupado pelos idosos em nossa sociedade surgiu a questão da pesquisa, a qual foi: que processos educativos estão presentes nas relações que são vivenciadas entre idosos, e entre eles (as) e pessoas que frequentam e ou trabalham numa instituição de longa permanência para idosos, os quais têm construções de vida distintas, conhecimentos e saberes peculiares, mas que juntos convivem e sobrevivem nesta instituição?

Formulado este questionamento buscamos descrever e compreender os processos educativos desenvolvidos na relação entre idosos (as) residentes de uma Instituição de Longa para Idosos em um município do interior paulista e pessoas que frequentam e/ou trabalham neste espaço. Caracterizando-se assim por uma investigação qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994; MINAYO, 2007; TRIVIÑOS, 2006), tendo como eixos o diálogo e a convivência (FREIRE, 2011) em que a pesquisadora se inseriu no campo de pesquisa realizando observações participantes (BRANDÃO, 1981b) e diários de campo (BOGDAN e BIKLEN, 1994) que tiveram complementação por meio

de uma entrevista (BOGDAN e BIKLEN, 1994) com uma idosa residente do abrigo. O trabalho de campo foi realizado junto ao Abrigo de Idosos “Dona Helena Dornfeld”, na cidade de São Carlos, localizada no interior de São Paulo, entre os meses de Março e Agosto de 2014. Sustentou-se teórica e metodologicamente no referencial da Educação Popular (FREIRE, 2011). Foi feita análise temática de conteúdo (BARDIN, 2008).

Processos educativos desvelados no Abrigo de Idosos

A análise dos dados foi obtida por meio das observações participantes, dos diários de campo e da entrevista com uma idosa residente da instituição, evidenciou 2 categorias que se constituíram como dimensões dos processos educativos vivenciados nas relações mantidas por idosos(as) em ILPI. As categorias são: **1) Viver-Morar**, que se configura como a dimensão do viver e do morar numa instituição. **2) Inconformidade - Conformidade**, que configura a demonstração das inconformações e conformações de residir em instituição. Para este artigo, apresentaremos as análises destacadas nas 2 categorias.

Dona Clarice², ressalta que gosta de morar no abrigo, mas que não é igual a sua casa, pois tem coisas que não faz no abrigo, que fazia em sua casa, por exemplo, abrir a geladeira, arrumar a casa do jeito dela. A colaboradora aponta que existe facilidade em residir no abrigo, que diz respeito a comodidade de ser chamada para almoçar, e de ter a comida pronta na mesa.

[...] eu gosto de morar aqui. Para mim [...], eu acho muito bom [...]. Mas aqui a gente não abre a geladeira a hora que quer. Como na casa da gente não é. Na minha casa, eu tinha a casa [...] Eu fazia e desfazia. [...]. E não é do mesmo [...], como a casa da gente não é. A casa da gente é outra coisa, a gente faz e desfaz a hora que quer [...] Mas aqui é bom porque as funcionárias [...] chamam para almoçar e todos comemos juntos. [...] a gente vem e a comida está pronta na mesa, é só pegar e comer. (Dona Clarice - Entrevista: 04.08.2014).

Dona Clarice conta que no início não gostava de morar no asilo, mas depois foi se acostumando:

[...] Ela disse que no começo não gostava de morar no asilo, mas depois se acostumou com o lugar (Diário III:07.04.2014)

Quando perguntada sobre como aprendeu a viver no abrigo ela responde que trabalhou com muitas pessoas no restaurante e ter trabalhado nesse lugar lhe ajudou a

² Neste artigo todos os nomes dos (as) colaboradores (as) são fictícios.

aprender a conviver com muita gente no abrigo. Porém, sua vinda para o asilo contribui para aumentar esse aprendizado:

Eu aprendi a conviver com muita gente. Eu já trabalhava com muita gente. [...]. Porque de morar no Asilo com muita gente eu aprendi no restaurante, porque trabalhei com muita gente e a gente tinha sempre que viver com eles. E eu aprendi. [...] (Dona Clarice - Entrevista: 04.08.2014).

Nos trecho seguinte Dona Clarice ressalta que morar no abrigo lhe possibilitou aprender mais do que ela já sabia, pois ele lhe ensina a viver. Ela aprendeu a viver no abrigo para ter sossego, para não ficar sempre contrariada, triste e para não dar trabalho e preocupações para Roberta.³

[...] Ele ensina a gente viver mais do que a gente sabe. Porque a gente sabe porque a gente precisa. Ensina a viver. Porque a gente precisa ter um pouco de sossego. Porque se você vive num lugar que você não gosta, está sempre contrariada, triste. E isso não é bom. [...] Aprendi a viver e acostumar no asilo para não dá mais tristeza para Roberta porque ela já estava triste e se eu falasse que eu estava achando ruim, que não era bom ela ia ficar mais triste. Aí ela teria mais preocupação porque ela ia pensar ai meu Deus do céu, como é que eu vou deixar ela aí, sem ela gostar, sem ela está gostando. Então, eu fui me acostumando (Dona Clarice - Entrevista: 04.08.2014).

Na primeira categoria evidenciamos processos educativos na dimensão do viver-morar em abrigo, agora passaremos para as análises da categoria inconformidade – conformidade. Nesta categoria compreendemos que alguns idosos conseguiram se acostumar com sua nova realidade, a de residente de uma instituição, outros não conseguiram se adaptar, se acostumar e continuam esperando voltar para suas residências. Em suas inconformações-conformações, alguns idosos (as) acabam por criar novas raízes, recriar as raízes antigas, outros não conseguem criar esses laços e continuam almejando que as raízes antigas se restabeleçam. Percebemos que nas relações desenvolvidas, os ensinamentos e aprendizagens ocorrem por meio de demonstrações, gestos, xingamentos, olhares, silenciamento, , como veremos a seguir.

Dona Fernanda é uma senhora que espera todos os dias por sua filha, ela fica com sua bolsinha sempre pronta, não deixa a bolsa por nada, sua bolsa é carregada para todos os lugares.

Percebi que Dona Fernanda está sempre com a mala na mão, antes de vê-la sentada já tinha visto ela andando na sala com a mala. A

³ Roberta é a pessoa responsável pela institucionalização de Dona Clarice.

funcionária Adriana disse que ela sempre fica mesmo com a mala na mão porque ela fica esperando pela filha que às vezes a leva para casa (Diário V: 22.04.2014).

A inconformação de Dona Amélia é compreendida por meio dos xingamentos e dos pedidos de abertura do portão da instituição. Ela não se acostumou com ambiente do abrigo e mostra isso por meio de xingamentos. Ela xinga os idosos (as) e todas as pessoas que estão ou vão no local. Ela pede para ir para sua casa. Fica sempre ao lado do portão e pede para as pessoas abrirem a porta, toca a campainha.

Hoje falei um pouco com Dona Amélia, ela sempre fica na área, xinga bastante. É muito brava e sempre fica querendo abrir o portão. O portão fica sempre fechado com chaves e com cadeado para evitar que os idosos (as) que tem algum tipo de alteração saiam e venham se perder. Ela toca a campainha e fica esperando que as funcionárias abram. Quando chega alguma visita no abrigo, a campainha é tocada e o portão é aberto. Dona Amélia faz esse mesmo processo esperando enganar as funcionárias, como se fosse visita também. Eu perguntei para a diretora do abrigo se eu podia andar um pouco na calçada com Dona Amélia. Ela respondeu que sim, mas quando eu convidei Dona Amélia para passear ela me disse que não queria ir naquele momento, indicou para irmos mais tarde e eu aproveitaria e a levaria para sua casa. Ela disse que morava há duas quadras dali [...] (Diário VI: 02.05.2014).

Na fala de Dona Adélia percebemos que ela tinha se conformado em residir no abrigo. Ela construiu amizade com Senhor Bento, que teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e por isso não conseguia mais falar e andar. Mas Dona Adélia consegue entendê-lo, por meio de gestos. Ela expressa que aprendeu a se comunicar com ele, e relatou: “quando ele quer beber água ele faz assim, quando ele quer café ele faz assim, quando quer fazer xixi assim e quando quer comer assim”, ele é amigo, eu o entendo. Eu aprendi entendê-lo (Diário III: 07.04.2014).

Conclusão

Percebe-se que as pessoas estão vivendo mais, e para tanto busca-se intensamente compreender em quais condições sociais, políticas, econômicas, culturais, familiares este contingente está vivendo e viverá. A mudança no perfil etário brasileiro

traz consigo um grande desafio do cuidado. A tendência é que esse contingente populacional aumente ainda mais. Com isso, gera-se uma preocupação com condições de cuidados que essas pessoas mais velhas estão tendo e terão neste futuro que, cada dia, está mais presente, a longevidade é momento atual (CAMARANO e KANSO, 2010).

Os processos educativos vivenciados por idosos (as), explicitam a existência da ‘da educação’ e das várias ‘educações’ enquanto processo de formação humana. Nesta “em que a visão de mundo, modos de encarar relações com o conhecimento” Silva (2014, p.19) geram entendimentos que permitem construir pensamentos, repensar idéias e retornar informações (SILVA, 2014).

Há muitos detalhes no olhar, no sorriso, no toque, no jeito de fazer os gestos, de movimentar as mãos, de abraçar, de apertar as mãos, de demonstrar afeto, carinho e amor. Esses detalhes só são possíveis de se observar quando somos permitidos e quando nos permitimos conhecer e compreender.

A compreensão que fica é a de que existem muitas possibilidades para estudar processos educativos, os quais estão presentes nas relações que estabelecemos em diferentes espaços. Estes processos estão presentes nas relações que se estabelecem entre comunidades que tem processos históricos diferentes de construções de saberes e práticas, ao desenvolverem trabalhos conjuntos de sobrevivência, de estratégias de vida e de transformação social (OLIVEIRA, 2003, p.120).

Não há um único sentido, uma única explicação definitiva mas, sim, um movimento de busca na experiência científica. Da profusão dos sentidos que a ela se possa dar, das interpretações que advirem de sua leitura, essa experiência vivida - particular e privada - poderá se aproximar de uma comunidade de experiência onde o leitor passa ser colaborador e conselheiro.

A contribuição e relevância social desta pesquisa se mostram na possibilidade de criar e recriar os locais ocupados por idosos (as) em nossa sociedade, porque “nosso papel não é de falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou de tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre sua e a nossa”. As falas, os gestos, o local onde estão inseridos, assim, “temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo, em que se constitui”. Desse modo, “a ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer ‘bancaria’ ou de pregar no deserto” (FREIRE, 2011, p.120)

Os processos educativos identificados podem contribuir na elaboração de outras reflexões, bem como de ações em espaços assistenciais para a pessoa idosa, de forma a garantir que os direitos humanos sejam respeitados e atendidos, bem como o planejamento e o funcionamento de espaços que sejam organizados para garantir uma gestão participativa de todas as partes envolvidas.

Espera-se que propicie novos olhares aos idosos (as) em processos mais humanitários de construção e transformação dos lugares que por eles (as) são ocupados em nossa sociedade.

Brandão (1981b), diz que não existe uma educação, mas várias educações. Existencia os diferentes modos de ser e fazer no mundo, mundo em que o ser humano é historicidade em decorrência de seus processos de criação e recriação. Existe muitos jeitos de ser e fazer que são exteriores à escola, há muitos conhecimentos que estão implicados no cotidiano das pessoas, em espaços que não os escolares, acadêmicos.

As aprendizagens que foram desencadeadas podem permitir recriar jeitos de ensinar-aprender-ensinar, podem ser utilizadas dentro da escola como subsídio para criar e recriar processos pedagógicos, conforme aponta Silva (2014).

O desafio de este estudo é o de tomar como ponto de partida a fé nos homens e mulheres, é ter criticidade, é sermos dialógicos e ter em mente que as pessoas são capazes de transformar suas realidades. Porém em alguns momentos quando estes podem encontram-se alienados, e ter seu poder de transformação, criação prejudicados, conforme salienta Freire (2011, p.112):

A fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé antes de encontrar frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado.

Diante das impossibilidades que os homens e mulheres possam vivenciar, e assim desacreditar de seu fazer, transformar, inventar e reinventar, e para tanto se deixar alienar. Nesse momento, o ser humano dialógico terá um desafio ainda maior, o de não perder a fé nos homens e nas mulheres, de acreditar que mesmo diante da negação tendem a florescer, reluzir e:

em lugar de no matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, com um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situação concreta, tende a renascer. Pode

renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por libertação (FREIRE, 2011, p.112-113).

A velhice pode lhe parecer distante, desconhecida, mas os sinais dela não podem ser mascarados por muito tempo. Desejo que este texto possa servir para re-pensar e repensar o papel dos (as) idosos (as) em nossa sociedade. E neste repensar possa-se compreender criticamente que a educação autêntica, repetimos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2011, p.116).

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 19ª Ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2008.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 1.ed. Portugal: Porto Editora, LDA, 1994. 365 p

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. In: _____. Pesquisa participante. São Paulo: brasiliense 1981b, p.9-16.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, vol.27, n.1, Jan./Jun de 2010.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria. Tereza; LEMOS, V R. Cuidados de longa duração para a população idosa: uma questão de gênero? In: NERI, Anita Liberaleso. **Qualidade de vida: enfoque multidisciplinar**. Campinas-SP; 2007. P.127-149

COTA, Maria Célia. De professores e carpinteiros: Encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v.14, n. 27/28, p.203-222,jan/jun e jul/dez., 2000.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idades In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro - RJ: FGV, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 253 p.

GONÇALVES, Marta Kawamura. **Mulheres idosas ressignificam o envelhecimento: contribuições da educomunicação**. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em:

<http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6132>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 393p.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre a pesquisa educacional nos espaços sociais. **Anais da 32ª Reunião da ANPED**. Caxambu, Minas Gerais, p. 1-17, 04 a 07, out. 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf> Acessado em: jul. 2013.

OLIVIERA, Maria Waldenez de. **Processos Educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogos entre saberes e sujeitos**. 2003.152f. Relatório de Pós-doutorado (Educação Popular) – Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Departamento de Endemias “Samuel Pessoa”, Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Práticas Sociais e Processos Educativos: da vida e do estudo até o grupo de pesquisa. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SOUZA, Fabiana Rodrigues de. **Processos Educativos em Práticas Sociais: pesquisas em Educação**. São Carlos: Edufscar, 2014.

SILVA, Sara Regina Moreira da. **Processos educativos e memórias de mulheres em processo de envelhecimento que vivem em um abrigo e participam de uma tertúlia musical dialógica**. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos- SP, 2008. Disponível em: <http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2196>

TODARO, Mônica de Ávila. A educação como veículo de mudança de atitudes em relação à velhice. In: _____. **Vovô vai à escola: a velhice como tema transversal no ensino fundamental**. Campinas-SP: Papirus, 2009. p. 25-42.(Coleção Vivacidade).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.